

I

Nas horas vagas da minha aposentação, no momento em que pego na pena para registar as minhas recordações (são de corpo, mas cansado, tão cansado que a narrativa avançará por pequenas etapas, mas com frequentes interrupções), no momento — dizia — em que, com a minha letra nítida e agradável, me preparo para fazer as minhas confissões ao paciente papel, sou assaltado por um escrúpulo fugitivo. Com a minha cultura e a minha instrução, estarei eu à altura deste empreendimento intelectual? Como o que tenho a dizer se refere às minhas experiências, erros e paixões estritamente pessoais e directos, a minha dúvida incide apenas sobre o ritmo e a qualidade do meu modo de expressão. Ora eu penso que, em assuntos desses, os estudos aturados e levados até ao fim têm menos importância do que uma vocação natural e uma educação cuidada desde o berço.

Essa educação não me faltou porque sou oriundo de uma distintíssima casa burguesa, conhecida pelos seus hábitos dissolutos. Durante vários meses, eu e minha irmã Olympia fomos confiados aos cuidados duma senhora de Vevey, que, pouco depois, valha a verdade, teve de abandonar a casa, por via de uma rivalidade entre ela e minha mãe a respeito de meu pai. Nessa altura, estava ligado por uma terna intimidade ao meu padrinho Schimmelprester, um artista muito apreciado, a quem toda a gente, na nossa pequena cidade, apelidava de «Senhor Professor», embora talvez ele não tivesse grande direito a esse belo e invejável títu-

lo. Meu pai, apesar da sua obesidade, tinha uma certa graça natural e caprichava em empregar apenas, na sua linguagem, termos escolhidos e correctos. Era de origem francesa pelo lado de sua avó e, tendo feito uma parte da sua educação em França, conhecia — pelo menos ele afirmava-o — Paris como os seus dedos. As expressões francesas *c'est ça** e *parfaitement*** apareciam constantemente na sua conversa, aliás com uma pronúncia impecável. Outras vezes, empregava a expressão *ich göütiere das*¹ tendo gozado até ao fim da vida da simpatia das mulheres. Apraz-me dizer isto antecipadamente, embora com prejuízo da ordem cronológica da minha narrativa.

Quanto ao meu dom inato para o bom estilo, tive sempre demasiadas ocasiões para o afirmar, como o atesta toda a minha vida de fraudes, e creio poder confiar nele na altura em que pretendo apresentar-me como escritor. Além disso, decidi redigir a minha narrativa com a maior franqueza, sem medo de ser acusado de fatuidade ou descaramento, visto que só as confissões redigidas com absoluta veracidade podem possuir algum valor e algum sentido moral.

Nasci na Renânia — uma região abençoada, amena e sem ruidez — que, sob o aspecto do clima e da confiança do solo, em que abundam cidades e aldeias cheias de uma população jovial, pode ser considerada como um dos lugares mais encantadores da terra habitada. Lá existem, abrigados dos ventos rudes pelo maciço renano, e expostos ao sol do meio-dia, esses lugares célebres de que bastam os nomes — Rauenthal, Johannisberg, Rudesheim — para alegrar o coração dos amadores de vinho. Lá se ergue também a venerável cidadezinha em que nasci, poucos anos antes da gloriosa fundação do império alemão. Situada um pouco a oeste do cotovelo que o Reno forma em Maiença, e famosa pela sua indústria de vinhos espumantes, e a mais importante escala

* Em francês no texto. (N. T.)

** Em francês no texto. (N. T.)

¹ «Aprecio isso» — numa mistura de alemão e de francês.

dos barcos a vapor que, a toda a velocidade, sulcam o rio. A cidade conta cerca de 4000 habitantes. Maiença, a jovial, era muito próxima, bem como as estações termais do Taunus — Wiesbaden, Homburg, Lagenschwalbach e Schlangenbach — apenas a uma meia hora de trajecto por um caminho de ferro de via reduzida. Durante o Verão, meus pais, minha irmã Olympia e eu fazíamos excursões de barco, de carro ou de comboio, em todas as direcções, atraídos pela sedução e pelos espectáculos raros criados pela Natureza e pelo engenho do homem.

Vejo ainda meu pai, inteiramente à vontade no seu fato de Verão aos quadradinhos, sentado no jardim desta ou daquela estalagem (sempre afastado da mesa, porque o seu ventre proeminente o não deixava aproximar-se muito), a saborear, com infinito prazer, um prato de caranguejos, acompanhado de um copo de vinho doirado. Algumas vezes meu padrinho Schimmelpreester ia connosco e, com o seu olhar agudo e inquiridor, observava, através das suas lunetas redondas de pintor, a região e as pessoas, acolhendo, na sua alma de artista, as grandes e as pequenas impressões.

Meu pai era proprietário da casa Engelbert Krull, que fabricava a marca de champanhe, hoje desaparecida, *Lorley extra-cuvée*. As suas caves eram na margem do Reno, perto do cais de embarque, e muitas vezes, quando eu era pequeno, vagabundeava sob as suas abóbadas frescas, passeando com um passo despreocupado e sonhador pelos corredores de pedra que as atravessavam em todos os sentidos e eram rodeados por altas prateleiras cheias de garrafas semi-inclinadas.

«Ora aí estão vocês», dizia a mim próprio (embora fosse incapaz de formular os meus pensamentos com palavras tão adequadas), «ora aí estão vocês deitadas na penumbra subterrânea, enquanto no vosso seio se decanta e se prepara o líquido vivo e doirado que um dia irá acelerar as pulsações de tantos corações e avivar a cor de tantos rostos. Sois nuas e insignificantes, mas um dia subireis a um mundo superior, sumptuosamente vestidas, para lançardes as vossas rolhas ao tecto, nas festas, nos casamentos, nos gabinetes particulares, com um ruído de alegre explosão.

Ireis espalhar então, entre os homens, a embriaguez, o descuido e o prazer.» Eis, pouco mais ou menos, o que dizia a si próprio o rapazinho que eu era, sendo contudo certo que a firma Engelbert Krull ligava uma importância extraordinária à apresentação das garrafas, isto é, àquilo que, em termos de ofício, se chama o «penteadado». As rolhas comprimidas eram fixadas com fios dourados e prateados, cobertas com lacre vermelho de que pendia um selo redondo e solene como o que se vê nas «bulas» e nos velhos documentos oficiais. Os gargalos das garrafas eram recobertos com papel prateado, ao mesmo tempo que, sobre o bojo, uma etiqueta, que meu padrinho desenhara, exibia o seu esplendor doirado. Nessa etiqueta, além de brasões, estrelas, da assinatura de meu pai e da marca *Lorley extra-cuvée*, avultava uma figura de mulher vestida unicamente com braceletes e colares. Sentada na ponta de um rochedo, com as pernas cruzadas, erguia os braços para pentear a cabeleira ondulante. Parece, contudo, que a qualidade do vinho não correspondia inteiramente a este estupendo reclamo.

— Krull — dizia, algumas vezes, meu padrinho a meu pai — respeito-o muito, mas a polícia devia proibir o seu champanhe. Há cerca de oito dias que cá na asneira de beber uma meia garrafa e ainda não estou restabelecido! Que porcaria emprega você para fazer esta mexerufada? Você põe-lhe aguardente e petróleo? Aqui só para nós: aquilo é uma mistura de venenos e eu, se fosse a si, tinha medo das autoridades!...

Meu pobre pai, que era um homem pouco enérgico, a quem a ironia deixava sem defesa, ficava sempre mal-disposto.

— É-lhe muito fácil fazer troça, Schimmelpreester — respondia ele, acariciando delicadamente, como era seu hábito, a barriga com a ponta dos dedos —, mas a verdade é que sou forçado a fabricar barato. O preconceito contra os produtos nacionais obriga-me a isso. Além do mais, a concorrência é tão grande que tenho dificuldade em aguentar-me.

Assim falava meu pai.

A nossa casa era uma dessas agradáveis residências senhoriais erguidas nas encostas suaves que dominam a paisagem renana. O jardim inclinado estava cheio de gnomos, de cogumelos e de to-

da a espécie de animais de louça, excelentemente imitados. Uma coluna sustentava uma bola de vidro espelhada em que os rostos se deformavam comicamente, não faltando também uma harpa eólia, grutas e um repuxo com o seu feixe engenhoso de raios líquidos. Num pequeno lago nadavam peixes prateados. Da casa propriamente dita, resumava, conforme o gosto de meu pai, uma impressão de serenidade e alegria. Recantos íntimos convidavam as pessoas a sentar-se e, num deles, havia um autêntico bastidor. Sobre as estantes e as pequenas mesas cobertas de veludo estava disposta uma porção de ninharias: *bibelots*, conchas, cofrezinhos com espelhos e frascos de perfume. Havia também por toda a parte uma porção de almofadas de penas, cobertas de seda ou bordadas à mão, multicolores e dispersas, sobre os sofás e sobre os divãs, porque meu pai gostava de encostos macios. Os repositores tinham, como varões, alabardas; e, das portas, pendiam estores feitos de junco e de pérolas variadas, que pareciam formar uma parede sólida e que, contudo, se atravessavam facilmente, sem erguer a mão, separando-se com um ligeiro ruído e fechando-se sobre si mesmos. Debaixo do ventilador havia sido colocado um pequeno dispositivo. Quando a porta, aberta pela corrente de ar, voltava à posição primitiva, ele emitia, em notas finas, a primeira frase da canção: «Gozaí a vida».